

Gaudí

O Arquiteto de Deus



Gaudí

**O Arquitecto de Deus
(1852-1926)**

© Associació pro Beatificació d'Antoni Gaudí
Barcelona - 1.^a edició - novembre 2017

SUMÁRIO

Apresentação	5
Vida de Gaudí.....	6
As suas virtudes cristãs.....	13
A fama de Santidade.....	21
Processo de Beatificação	25
Devoção privada e favores	28
Oração para a Devoção Privada	30
Bibliografia.....	32

APRESENTAÇÃO

No outono de 1982, o Papa João Paulo II visitou Barcelona e, a partir da grande arquitetura de Gaudí, ele fez o seu discurso habitual do Angelus*.

«Este templo da Sagrada Família – disse – é uma obra que ainda não está terminada, mas é sólida desde o início; recorda e condensa outra construção... Outra construção feita de pedras vivas: a família cristã, de onde a fé e o amor nascem, e se cultivam para sempre. “Que Deus abençoe as suas famílias!”»

A sagrada Família, que se tornou o edifício emblemático de Barcelona, e cuja silhueta é conhecida em todo o mundo, atrai diariamente milhares de visitantes de todos os cinco continentes. As suas formas arquitetônicas, altamente originais, sintetizam símbolos retirados da natureza e da Fé Cristã.

*Os católicos rezam a oração do anúncio do Anjo Gabriel à Virgem Maria, pois ela é a mãe de Jesus.

Atrás desta obra-prima – e de outras, tanto religiosas, quanto civis, que foram declaradas patrimônios mundiais – está a figura e o espírito de um artista profundamente cristão, que nunca duvidou de sua identidade como um arquiteto capaz de integrar a sua fé e sua vida, a fim de dar toda a glória a Deus: Antoni Gaudí i Cornet.

Em 1915, quando “El Nuncio*” de Sua Santidade, na Espanha, Monsenhor Ragonesi, visitou as obras, depois de escutar as explicações de Gaudí, lhe disse: «Você é o Dante da Arquitetura e sua obra é o maior poema cristão, em pedra.»

VIDA DE GAUDÍ

Antoni foi batizado no templo paroquial de *Sant Pere de Reus* – Arcebispo de Tarragona – em 26 de junho de 1852. Havia nascido no dia anterior, filho do casal Francesc (Riudoms) e Antonia Cornet (Reus).

O ambiente familiar marcou a sua vocação profissional para a arquitetura, desde a infância. Na fábrica de caldeiras de seu pai, em Reus, ele aprendeu a imaginar, e trabalhar, com volumes e formas. E na casa da fazenda de *Riudoms*, os seus olhos captaram a luz Mediterrânea, e as imagens mais puras de rochas, plantas e animais, da natureza, que ele sempre consideraria a sua grande professora.

Antoni sofria de pequenas febres reumáticas, doença que o acampanhou por grande parte da sua vida. No entanto, o seu físico era de aparência robusta. Morreu ao ser atropelado por um bonde, aos setenta e três anos de idade. Ele poderia ter vivido muito mais, sendo que o seu pai morreu aos noventa e três anos, com muita energia até o último momento.

Ele terminou a escola primária no **Colégio de Bacharelados dos Padres Escolapios de Reus**, onde adquiriu uma sólida formação religiosa. Em seguida, mudou-se para a capital, para começar a carreira de Arquitetura – a grande paixão de sua vida – na **Escola Técnica Superior de Arquitetura**, de Barcelona.

Ele recebeu o diploma de Arquiteto, em 1878, embora já vinha trabalhando como assistente de engenheiros e arquitetos conhecidos, para pagar os seus estudos. O seu interesse pela humanidade levou-o a frequentar as classes de Filosofia,



Antoni Gaudí saindo da catedral de Barcelona, na procissão de *Corpus Christi*, em 1924, quando tinha setenta e dois anos de idade.

Estética e História, da Universidade de Barcelona, a assistir concertos e representações teatrais, a leitura de poesia e dos clássicos, e visitar os principais monumentos e paisagens do país. Todos estes conhecimentos adquiridos ele aplicou para produzir a arquitetura, no sentido mais amplo – e complexo – da palavra! A arte, concebida como criação a partir dos modelos e, segundo as leis descobertas na natureza – a maior obra do Criador, a que brilha todo esplendor da verdade e da beleza – foi entendido por Gaudí, como o único objetivo de sua vida.

Antoni Gaudí não publicou nenhum livro, embora foram publicados centenas de livros sobre ele. Também não deu palestras, mas explicou muitas vezes a sua amada Sagrada Família, para os visitantes, ilustres ou comuns, interessados por sua obra, e deu grandes conselhos e preceitos, cheios de sabedoria humana e cristã, aos seus colaboradores e discípulos.

*Representante diplomático do Papa em um País, ou em um Estado.

Tudo foi recolhido e publicado, logo após a sua morte. Eles integram os seus escritos mais importantes!

Gaudí não se casou. Ele cuidou do seu pai, durante a sua longa idade, e de uma sobrinha órfã e doente, que formavam a sua pequena família. Ele foi sempre muito atento com os seus colegas, os seus colaboradores e os trabalhadores das obras que liderou, com quem manteve amizades fiéis e duradouras.

Em 1883 – aos trinta e um anos – foi encarregado das obras do Templo da Sagrada Família, cuja construção havia começado recentemente. Desde o começo, ele se identificou com a finalidade religiosa do Templo Expiatório, fundado pelo piedoso vendedor de livros, Josep Maria Bocabella e sua Associação Espiritual de Devotos de São José «para despertar os corações adormecidos, exaltar a Fé, aquecer a Caridade do Coração e contribuir para que o Senhor tenha piedade do país».

Gaudí colocou a sua arte, e todas as suas energias, em serviço da glória de Deus, durante os quarenta e três anos que trabalhou nesta obra; sobretudo, durante os últimos dez anos de sua vida, em que fez isso, com uma dedicação exclusiva.

A amizade de Gaudí, com alguns clérigos – os bispos: Venerável Torras i Bages, de Vic, seu mentor espiritual; Campins, de *Mallorca*; e Grau, de Astorga; e os sacerdotes: San Enric d'Ossó, fundador da Congregação da Santa Teresa de Jesus; *Mosén* Gil Parés, pároco da Sagrada Família; e o padre Agustí Mas, oratoriano, que era o seu confessor – foi muito formativa para a assimilação dos princípios da Liturgia e da Doutrina Social da Igreja, uma vez que esses bons eclesiásticos foram verdadeiros inovadores, na sua maneira de entender o culto cristão, e a ordem social.

Gaudí ainda jovem sentiu os problemas sociais de seu tempo e estava preocupado com as condições de vida dos trabalhadores. As suas primeiras preocupações foram moldadas, arquitetonicamente, na Cooperativa Obrera Mataronense,

a primeira fábrica de propriedade dos empregados que houve na Espanha.

Logo, ele percebeu que as profundas contradições sociais, de seu tempo, não podiam encontrar solução, em “messianismos” materialistas, e sim, na prática da Doutrina Social Cristã. Em 1910, foi realizada, a Semana Social Católica, na Colônia Güell, com a assistência de vários bispos, que visitaram a fábrica de Eusebi Güell, o grande protetor, mecenas, patrono, amigo e cliente de Gaudí. Eles também visitaram a cripta da igreja, que o arquiteto estava construindo naquela colônia trabalhadora.

Depois da morte de sua sobrinha, em 1912, ele foi morar sozinho, em sua casa, no *Parc Güell* e, em outubro de 1925, mudou-se para viver em sua oficina na Sagrada Família.

Convencido de que, sem sacrifício, é impossível avançar uma obra, ele se entregou a uma vida austera de oração, penitência e desapego dos bens materiais. Viveu na pobreza e, praticamente, se tornou um mendigo que pedia esmolas a todos os tipos de pessoas, para continuar a edificação da Sagrada Família. Nos últimos anos de sua vida, depois de assistir à missa, costumava passar o dia trabalhando até às cinco e meia da tarde, depois ia caminhando para a igreja de *Sant Felip Neri*, muito perto da Catedral. Lá, fazia a sua oração pessoal e conversava com o seu diretor espiritual.

O exercício físico – as grandes caminhadas – era necessário para aliviar o seu reumatismo. Na segunda-feira, 7 de junho de 1926, quando Gaudí já havia feito uma boa parte de sua caminhada diária, foi atropelado pelo bonde da linha 30

(Arco do Triunfo para a Praça Catalunha), na *Gran Vía*, na rua *Bailén*. Aqueles que o carregaram, não o reconheceram, ao vê-lo mal vestido, e levaram-no ao Hospital de Santa Cruz. Cumprindo-se assim um dos desejos que Gaudí havia manifestado algumas vezes: morrer pobre, num hospital de caridade cristã, recebido apenas pelo amor de Deus.

Administraram-lhe a Unção dos Doentes, e, no dia seguinte, Gaudí recuperou a sua consciência, e cercado de



Oficina de Gaudí. Mesa onde ele costumava almoçar (almoço bem modesto).

seus amigos mais íntimos, recebeu com grande devoção, o *Viático*, e conseguiu articular algumas frases. Ele morreu dois dias depois, em 10 de junho de 1926, depois de dizer as suas últimas palavras: «Amém. Meu Deus! Meu Deus!».

O seu funeral foi uma manifestação gigantesca, de luto, desde autoridades civis, e eclesiásticas, até pessoas comuns. Foi enterrado na cripta da Sagrada Família, na capela da Nossa Senhora do Carmo. Lá, descansam os seus restos, constantemente acompanhados por pessoas que os visitam, ou chegam para pedir intercessão diante de Deus.

AS SUAS VIRTUDES CRISTÃS

Antoni Gaudí teve um conhecimento claro da natureza humana, com todos os defeitos que isto implica.

Ele tratou de conhecer, e corrigir, os próprios defeitos – especialmente as consequências da sua personalidade decidida e forte, próprio das pessoas do *Baix Camp de Tarragona*, a sua terra natal – num desejo de perfeição evangélica, que ele sempre baseou no amor de Deus e no serviço aos outros. Seguiu, fielmente, a moral católica e, desde que se entregou totalmente à construção do templo, abandonou a boa vida, e toda pompa, que desfrutou como um jovem arquiteto de grande prestígio profissional.

A sua **FÉ** batismal foi nutrida pela piedade de sua família – a sua mãe era muito devota da Virgem de Misericórdia, padroeira de Reus – e da sólida formação religiosa que recebeu dos Padres **Escolapios**. Como ele mesmo disse, em seus últimos anos de vida, foi naquele colégio que se deu conta do valor da história divina da salvação do homem, mediante Cristo, encarnado, e dado ao mundo, pela Virgem Maria. Esta realidade global, cristológico-mariana, transformou a pedra, no monumento mais importante de sua arquitetura: a Sagrada Família.

O **AMOR DE DEUS** fazia vibrar a alma sensível de Gaudí, quando participava na Eucaristia, e outras cerimônias da Liturgia, ou piedade popular. Este amor se traduzia em **AMOR AO PRÓXIMO**: os membros da sua família, seus amigos, seus colegas de trabalho e sua pátria: sua língua e sua cultura. Ele fazia caminhadas, que o colocavam em con-

tato direto com as pessoas, com as paisagens, os costumes, e os monumentos, de todos os cantos de sua terra Catalã. Ambos os amores foram enraizados no sacrifício generoso, e no amor à **CRUZ**. Com este símbolo coroou todos os seus edifícios, tanto religioso, quanto civis.

Falando apenas “humanamente”, pode-se dizer que a sua vida foi um fracasso, porque algumas das grandes obras que ele projetou nem foram construídas, nenhuma das que fez foi completamente terminada, e muitas foram alvo de críticas e incompreensões pelos intelectuais de seu tempo. Apenas um pequeno núcleo de amigos, e artistas «visionários» o admiravam, junto com as pessoas simples, e as crianças.

Gaudí foi um homem muito **PIEDOSO**: frequentava a missa e comungava, diariamente. A frequente leitura, e meditação do Santo Evangelho, refletiram-se nas representações plásticas dos mistérios da vida de Jesus, que adornam a fachada do Nascimento e que desenhou para outras duas fachadas: o da Paixão e da Glória. Ao explicar aos visitantes os trabalhos do Templo, a sua exposição era um bom **APOSTOLADO DA DOCTRINA**. As cenas do Evangelho, ao som de suas palavras, impressionaram qualquer um, por mais fria que fosse a sua vida religiosa.

Amava a **LITURGIA** – que, como arquiteto, considerava a função principal das igrejas que ele projetou, em relação a todas as outras, e era um devoto da Santíssima Virgem, e de seu esposo, São José. As suas obras, mesmo as de caráter profano, como já dissemos, terminam com uma cruz de qua-

tro braços, que, em muitos casos, mostra o anagrama da Sagrada Família: «JMJ», Jesus, Maria e José.

A Casa Milá, popularmente conhecida como “*La Pedrera*”, foi projetada como uma homenagem à Virgem do Rosário, com escrições marianas gravadas nas colunas, e frases devotas e poéticas nos tetos e na moldura exterior do último andar. Uma grande imagem de Nossa Senhora, rodeada pelos arcanjos São Miguel e São Gabriel, coroam o prédio. Não tendo permissão para se tornar o proprietário da casa, Gaudí abandonou o projeto e disse que, se ele soubesse antecipadamente da recusa, não teria aceitado o contrato.

As virtudes teologais e morais que praticou eram baseadas em uma profunda **HUMILDADE**, vivida com naturalidade e convicção. O seu extraordinário talento artístico, que se materializou em uma capacidade, absolutamente fora do comum, de ver e conceber formas originais no espaço, sempre considerou que era um presente divino. Ele nunca se gabou disso.

O Sr. Lluch, um marceneiro e decorador, filho de um conceituado artista de madeira, conta em sua carta de testemunho, que seu pai, sendo um aluno da Escola de Belas Artes, visitou, com seus colegas, as obras da Sagrada Família. O próprio Gaudí deu-lhes todos os tipos de explicações e detalhes. «Meu pai – narra – aproximou-se de Gaudí para tirar uma fotografia. Mas, Gaudí o deteve, com um gesto, dizendo: *Não busque a glorificação do homem; A glória é para Deus*».

**Etsuro Sotoo,
um escultor
japonês, que
trabalha na
Sagrada
Família,
explica aos
Imperadores
do Japão, a
fachada do
“Nascimento”.**

**Atrás está
Jordi Bonet,
arquiteto do
Templo. À
esquerda de
Etsuro, o
professor Joan
Bassegoda,
chefe da
Cátedra
Gaudí e o
mais
prestigiado
especialista
em sua
arquitetura.**





Um amigo de Gaudí, uma pessoa muito exigente, em matéria de moralidade, criou a idéia de catalogar todos os homens representativos na política, arte, ciência, etc., que poderiam ser apresentados como modelos impecáveis, especialmente para a juventude. A lista que ele fez atingiu uma soma impressionante. Mas quando descobriu que algumas dessas celebridades haviam cometido um erro, ele riscava o nome: um a menos. E assim apagou tantos que restaram apenas dois nomes, na lista. Um dia, o homem encontrou com Gaudí e lhe contou a sua decepção:

- Olhe, Gaudí, de tantos nomes que eu cataloguei, apenas duas pessoas continuaram íntegras.

- *E quem são elas?* – perguntou Gaudí.

- Você e o professor Millet.

- *Bem, você não pode mais excluí-lo? Você não sabe que, na Gloria da Missa, dizemos: **Tu solus sanctus**? Apenas Um é Santo.*

A professora Rosa Parés, sobrinha do pároco da Sagrada Família, conta em seu testemunho, que seu pai, quando chegou ao Templo, contou ao irmão *Mosén* Gil Parés, que sua cunhada esperava outro filho (ela teve treze), ele disse:

- Oh, Gil! Paquita está à espera de outra criatura! Pobrezinha!

E que Gaudí, que estava presente, corrigiu-o:

- Que pobrezinha! Quando o Nosso Senhor dá filhos, Ele sabe por que faz isso!

Porque o arquiteto era um homem que vivia a **ESPERANÇA** cristã e confiava na Providencia Divina.

Uma objeção que se faz à vida virtuosa de Gaudí são os seus golpes de gênio, que ele manifestava com palavras repreensivas que dizia involuntariamente diante de uma pessoa pedante ou presunçosa. Ele sabia que tinha essa falha e lutava para mantê-la presa. Mas, isso não o deixou menos **ALEGRE** e disfrutava com brincadeiras. Ele era amigo das pessoas, em especial, das crianças. Conta Rosa Parés: «Os filhos que viveram lá, o chamavam... *Don Antón*, quando nos via, aproximava se de nós e nos dizia algo. A sua aparência de um bom homem, e as suas mãos em seu casaco – o sobretudo que ele usava quase sempre – nos inspirava confiança e corríamos até ele. A tia Maria nos repreendia: Não incomodem *Don Antón*! Mas, ele dizia:

- «*Você não sabe que o Nosso Senhor queria que os pequeninos estivessem aqui?*»

Ele amava, especialmente a **POBREZA**. Ele afirmou que “*a pobreza leva à elegância e a beleza; A riqueza leva a opulência e a complicação, que não podem ser bonitas*».

Ele praticou a **LABORIOSIDADE**, heroicamente. Ele comentava sobre trabalho bem feito: «*Em geral, as pessoas, quando fazem uma coisa, quando esta coisa esta próxima do bem, deixa de se aprofundar, e se conforma com o resultado obtido. Isso é um erro: quando uma coisa está no caminho da perfeição, ela deve ser extraída ao máximo até que esteja totalmente bem.*» Ele nunca hesitou em mudar o lugar de uma peça, se entendesse que a mudança seria para melhor.

Ele sempre foi muito **AUSTERO**, em relação ao seu quarto e a sua comida, porque estava convencido de que,

quando uma família tem uma vida próspera, é porque existe alguém que se sacrifica, por ela. É por isso que as suas penitências, e os seus jejuns, foram extremos, especialmente, no tempo da Quaresma. A que ele viveu, em 1894, quase o matou de inanição.

FAMA DE SANTIDADE

Na morte de Gaudí, já existia um amplo sentimento, na cidade de Barcelona, sobre a sua santidade, e da heroicidade de suas virtudes.

No mesmo ano de sua morte, uma grande editora publicou o volume «Antoni Gaudí. Sua vida. Seus trabalhos. Sua morte», um resumo de textos de 17 escritores, que elogiaram o artista falecido. *Mosén* Manuel Trens, que foi diretor do Museu Diocesano, intitulou o seu artigo, como: «O arquiteto de Deus» e traçou o perfil de um profissional totalmente entregue à realização de sua obra, inspirada por Deus na Sagrada Família. O arquiteto J. F. Ráfols concluiu a sua síntese afirmando que Gaudí, excluindo a Fé, sempre seria incompreendido.

Uma das freiras que, ainda noviça, realizava o trabalho doméstico da casa de Gaudí, no *Parc Guell*, declarou: “Ele era um santo. Estou cada vez mais convencida disso, e agora – era o ano de 1962 – estou convencida de que ele merece estar nos altares.

Mosén Francesc Baldelló, um sacerdote diocesano, fundador dos «Amigos da Alegria» e um excelente musicólogo, que havia se relacionado muito com Gaudí, desde 1915, publicou um artigo na revista «*Temple*», em abril de 1971, reproduzindo as últimas palavras do discurso, em homenagem ao arquiteto organizado por «Federação das Artes Decorativas» (FAD): «Desejo vivamente que a minha possível intervenção em um novo ato, em homenagem a Gaudí, fosse para iniciar o processo de sua beatificação». E os seus desejos foram

compartilhados por todos aqueles que participaram dessa conferência.

Por que não se começou antes a promover, formalmente, a causa da beatificação do arquiteto morto em odor de santidade? O motivo parece ser o mesmo pelo qual existem poucas beatificações de fiéis cristãos leigos, ao contrario do que acontece com os membros do clero secular e os religiosos e religiosas: não há por trás deles uma instituição duradoura que possa dedicar tempo e meios econômicos, para os grandes esforços, e o trabalho que todos os processos de beatificação implicam.

Por isso, quando um grupo de católicos fundou a **ASSOCIAÇÃO PARA A BEATIFICAÇÃO DE ANTONI GAUDÍ**, a reação pública foi entusiasmada, com uma grande repercussão na mídia espanhola, e em muitos países estrangeiros.

A primeira doação que a Associação recebeu foi do Mons. Joan Martí, Bispo de Urgell, acompanhado de uma carta dizendo que ele se juntaria à iniciativa.

Mons. Joan Carrera, Bispo auxiliar de Barcelona, declarou à revista «A Vanguarda» (20 de outubro de 1992): «Me parece, desde o início, uma proposta legítima e razoável. Eu olho para ela com verdadeira simpatia. Em Antoni Gaudí, um grande cristão, a Arte e a Fé são inseparáveis».

Em janeiro de 1993, o Boletim Oficial do Bispado de Astorga publicou um artigo apoiando o pedido para iniciar o processo de beatificação de Gaudí.



Gaudí, recebendo a comunhão, em uma missa de “expição da blasfêmia”, realizada sob um abrigo temporário, onde agora, as naves da Sagrada Família se levantam.

Já o cardeal Narcís Jubany, ex-arcebispo de Barcelona, escreveu no prólogo do livro do arquiteto Jordi Bonet «Templo da Sagrada Família»: «Um dia, este templo foi concebido por um gênio da arquitetura, chamado Aintoni Gaudí (o grande construtor deste século), nas palavras de *Le Corbusier*. Ele era um homem que se entregava, completamente, ao que fazia, e sua alma era profundamente cristã. É por isso que a maioria dos seus trabalhos eram ícones e templos católicos. O da Sagrada Família, certamente, é o êxtase de um místico.

Além disso, a vida exemplar de Gaudí, e sua reputação de santidade, tiveram, e continuam tendo, uma influência saudável, em muitas pessoas. Depois de visitar, e estudar o seu trabalho, em 1926, o famoso arquiteto japonês Kenji Imai se converteu ao catolicismo. Em 1991, o escultor japonês Etsuro Sotoo, que trabalhou na Sagrada Família, se converteu do Xintoísmo e foi batizado pelo bispo Carrera. Em 1996, o empresário americano Charles Teetor, que pertencia desde a infância a religião “*Christian Science* (Ciência Cristã)” e entusiasta da obra de Gaudí, recebeu, em Nova York, o batismo na Igreja Católica. Em 19 de março de 1998, Jun Young-Joo, diretor da Câmara de Comércio de Pusan (Coréia), e budista devoto, pelo impacto religioso causado pela preparação de uma exposição sobre Gaudí, em sua cidade, se convenceu da existência de Deus e se converteu ao Catolicismo.

PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO

Em 10 de junho de 1992, no sexagésimo sexto aniversário da morte do arquiteto, um grupo de católicos formou a **Associação para a Beatificação de Antoni Gaudí**. Imediatamente, foram publicadas diversas cópias para a devoção privada – em catalão, espanhol, inglês e japonês; e, sucessivamente, em italiano, alemão, francês, português, polonês, e cada vez mais, em novas línguas – divulgadas com a autorização do arcebispado de Barcelona.

Em 13 de maio de 1994, após uma extensa coleta de informações sobre o arquiteto, a **Associação para a Beatificação de Antoni Gaudí** solicitou, oficialmente ao Arcebispado de Barcelona – diocese onde Gaudí morreu – a abertura do processo de beatificação. A associação foi constituída como parte do processo, ou seja, aquele que está encarregado de todas as despesas, gerências, etc. que envolve a causa.

Em 19 de março de 1998, a associação restaurou o túmulo de Gaudí, na cripta da Sagrada Família, e colocou uma urna para doações, obra feita pelo escultor japonês Etsuro Sotoo. A urna reproduz, em miniatura, a planta das escolas da Sagrada Família, feita por Gaudí, formada pela interseção dos três corações: Jesus, Maria e José.

Em 18 de abril de 1998, o Cardeal Arcebispo de Barcelona nomeou o *Mosén Lluís Bonet i Armengol*, pároco da Sagrada Família, como vice-postulador da causa de beatificação de Antoni Gaudí.

O *Mosén* Lluís Bonet, em seu papel de vice-postulador, começou, imediatamente, o passo a passo que levaram à abertura do processo, de acordo com a atual legislação canônica.

Para levar a diante o processo de beatificação de uma pessoa, com fama mundial, as normas da Santa Sé coincidem com o consentimento de um grande número de bispos. Em 5 de maio de 1998, a Conferência Episcopal Tarraconiana – que agrupa as arquidioceses e dioceses com sede na Catalunha – aprovou, por unanimidade, o início do processo de beatificação.

Em 17 de setembro de 1998, foram nomeados os membros das comissões históricas e teológicas, cuja missão é analisar a vida de Gaudí, a partir desses pontos de vista.

Em 23 de outubro de 1998, um tribunal “*ad casum*” foi nomeado para coletar os testemunhos das pessoas, ainda vivas, que conheceram, pessoalmente, Antoni Gaudí, respeitando sua idade avançada.

Após o parecer da comissão teológica, o Arcebispado de Barcelona enviou à Santa Sé, em 22 de dezembro de 1999, a documentação completa, e a autorização solicitada, para a abertura oficial do processo. Com uma velocidade incomum, a Santa Sé respondeu o seu “*nihil obstat*” (nada se opõe), em 22 de fevereiro de 2000.

O processo de beatificação de Antoni Gaudí começou em 12 de abril de 2000. A sessão solene aconteceu no palácio episcopal de Barcelona, presidido pelo Cardeal Arcebispo Ricard Maria Carles. Além dele, prestaram juramento o vice postulador, *Mosén* Lluís Bonet, e os membros do tribunal: o

juiz delegado, Pe. Josep Maria Blanquet, da Congregação dos Filhos da Sagrada Família (SF); o notário, Pe. Jesús Díaz Alonso (SF); o notário substituto, o Ir. William Osvaldo Aparicio (SF); e o promotor de justiça, *Mosén* Jaume Riera.

Uma vez iniciado o processo diocesano, o juiz delegado, com a ajuda dos secretários, e do vice postulador, fez tudo o que esta ação eclesial compreende, de acordo com a lei. Assim, ele recolheu toda a documentação necessária sobre “O Servo de Deus”, ouviu, e interrogou cerca de 30 testemunhas, seguindo um grande questionário. Quando este trabalho foi concluído, o vice-postulador pediu ao Cardeal Arcebispo de Barcelona, que encerrasse o processo. O evento ocorreu no palácio do arcebispo, em 13 de março de 2003, presidido pelo cardeal Ricard Maria Carles. A documentação elaborada (1024 páginas) foi apresentada (28-5-2003) à Congregação da Causa dos Santos, em Roma. Em 9 de julho do mesmo ano, a cerimônia de abertura do processo – a fase romana – foi realizada na sede da Congregação, presidida pelo monsenhor Michele di Ruberto, subsecretário, com a assistência do Cardeal Carles e do presidente da Associação para beatificação, Sr. José Manuel Almuzara.

Anteriormente, a Dra. Silvia Correale (24-3-2003) tinha sido nomeada postuladora da causa. Em 29 de fevereiro de 2004, o Congresso Ordinário da Congregação, formado pelo Cardeal prefeito Mons. José Saraiva Martins, o secretário, subsecretário, o promotor geral da fé, e relator geral, decretou a validade do processo instruído na diocese de Barcelona sobre a vida, virtudes e a fama de santidade do “Servo de

Deus”, Antoni Galdí. Em 23 de abril de 2004, o bispo José Luís Gutiérrez foi nomeado relator. Assim, o trabalho continua na Sagrada Congregação. Além disso, os devotos de Gaudí pedem a sua intercessão, para favorecer aqueles que lhe pedem uma ação milagrosa, que só Deus pode conceder.

DEVOÇÃO PRIVADA E FAVORES

Enquanto trabalham para a sua possível beatificação, Gaudí concede inúmeros favores aos devotos que buscam a sua intervenção diante de Deus.

A filha de uma senhora, que terminou os estudos de Arquitetura, tinha deixado, durante anos, de concluir o projeto final do seu curso. Quanto mais o tempo passava, mais difícil era o assunto. Um dia, foi dada, pelas mãos de sua mãe, a oração privada do “Arquiteto de Deus” e ela decidiu pedir a intervenção de Gaudí, para que o assunto pudesse ser resolvido. Logo depois, a filha apresentou, e aprovou, o projeto final.

Duas amigas, Aurora e Maria Teresa, escreveram: “Maria Teresa sentiu a necessidade de ir ao túmulo de Gaudí, atraída, não sabe por quê, e sentiu uma grande paz interior, como nunca havia antes sentido, quando entrou na cripta da Sagrada Família. Ela me contou o que aconteceu e nós duas percebemos que Gaudí nos fez um duplo favor: expulsar uma pedra de seu rim e encontrar um emprego. Agradecidas, nós demos uma doação para a beatificação de Antoni Gaudí”.

A esposa de um arquiteto valenciano pediu a Gaudí, para que o seu marido ganhasse um importante prêmio de Arquitetura, prometendo uma forte doação à **Associação para a Beatificação de Antoni Gaudí**. Como isso aconteceu, ela enviou a doação, junto com uma carta, explicando o fato.

Uma estudante de arquitetura, de Insbruck, no Tirol Áustriaco, perdeu os planos do projeto que queria apresentar para ser reconhecida como a melhor estudante de seu curso, porém não tinha uma cópia. Ela acudiu pela intervenção de Gaudí e, quando ela menos esperava, foram encontrados os planos, mal guardados na secretaria da Universidade.

Um arquiteto de Madri, que fez a sua carreira universitária em Barcelona, e aproveitou o fato de ter voltado à cidade, para rezar diante do túmulo de Antoni Gaudí, escreveu: “Quando voltei de Madri, rezei a Gaudí, para que ele ajudasse o meu cunhado, recém operado e que teve que voltar a cirurgia em razão de hemorragias intestinais. Neste exato momento, o meu cunhado está prestes a receber alta, e ir para casa, curado...”

Outro homem, de Barcelona, testemunha: “Quando eu tinha 49 anos e estava desempregado, ou com um trabalho precário, no dia seguinte à abertura do processo de beatificação, eu estava na frente do Templo da Sagrada Família. Enquanto admirava a bela obra, recordei à notícia e, naquele instante, prometi que, se eu encontrasse trabalho, informaria a **Associação para a Beatificação**. Depois de várias tentativas, e dificuldades, me concederam o trabalho solicitado...”

E uma senhora de Salta (Argentina) disse, em sua carta: “Gostaria de agradecer, publicamente, a intervenção do Sr. Antoni Gaudí, em minha vida. Eu pedi a sua ajuda, para conseguir uma casa. Em menos de 2 anos, eu consegui um apartamento. Além disso, o meu filho Pedro conheceu o seu pai, depois de 13 anos. Interceda, diante de Deus, para os estudos do meu filho, e a minha operação de fibroma...” A partir destes relatos, nós te encorajamos a pedir a Gaudí, que interceda por você, fazendo uma novena: reze, durante nove dias seguidos, a oração da imagem que, aqui, reproduzimos:

ORAÇÃO PARA A DEVOÇÃO PRIVADA

Deus, nosso Pai, que infundiste em teu servo Antoni Gaudí, arquiteto, um grande amor à tua criação e um ardente desejo de imitar os mistérios da infância e da paixão do teu Filho; Faz com que, pela graça Espírito Santo, eu saiba também entregar-me a um trabalho bem feito, e digna te glorificar o teu servo Antoni Gaudí, concedendo-me, por sua intercessão, o favor que vos peço (pedido).

Por Jesus Cristo, nosso Senhor, Amém.

Jesus, Maria e José, alcançai-nos a paz e proteção da família! (3x)

As graças que você obtiver, por favor, comuniquem-nas, para:

Associação para a Beatificação de Antoni Gaudí

Caixa Postal 24094

08080 - Barcelona (Espanha)

Você também pode receber impressões, boletins informativos, e cópias deste livreto. As suas doações são muito importantes, e necessárias, para cobrir as despesas da causa da beatificação. Você pode enviar estes donativos, em dinheiro, para o nosso endereço, ou depositar na nossa conta corrente:

Banco *La Caixa*, conta

IBAN: ES62 2100 0810 2902 0067 4014

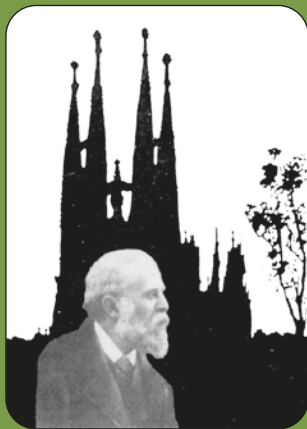
BIC/SWIFT CODE: CAIXESBBXXX

Muito obrigado por suas doações.

BIBLIOGRAFIA

Entre os livros publicados sobre Gaudí, recomendamos

- Rafael Álvarez Izquierdo**, GAUDÍ, ARQUITECTO DE DIOS 1852-1926, Palabra (P.º de la Castellana, 210; 28046 Madrid), 2.^a ed., 1999.
- Joan Bassegoda Nonell**, EL SENYOR GAUDÍ, Claret, Barcelona, 2001.
- Joan Bassegoda Nonell**, GAUDÍ, Salvat, Barcelona, 1982 y 2001.
- Lluís Bonet i Armengol**, LA MORT DE GAUDÍ i EL SEU RESSÓ A LA REVISTA «EL PROPAGADOR DE LA DEVOCIÓ DE SAN JOSÉ», Claret, Barcelona 2001.
- Lluís Bonet i Armengol**, LA MORT DE GAUDÍ i EL SEU RESSÓ EN ELS DIARIS i REVISTES DE L'ÈPOCA, Claret, Barcelona, 2000.
- Juan Matamala**, MI ITINERARIO CON EL ARQUITECTO, Claret, Barcelona, 1999.
- Josep F. Ràfols**, GAUDÍ 1852-1926. Claret, Barcelona, 1999 (facsimil de la edició de 1952).
- Josep Maria Tarragona**, GAUDÍ, BIOGRAFIA DE L'ARTISTA. Proa, Barcelona, 1999.
- Josep Maria Tarragona**, GAUDÍ, UN ARQUITECTO GENIAL, Casals, Barcelona, 2001.



***Associació pro
Beatificació
d'Antoni Gaudí***

PO Box 24094
08080 BARCELONA
SPAIN